

DOIS
DISCURSOS
ACADÊMICOS

MILTON DIAS
LÚCIO ALCÂNTARA

MILTON DIAS
LÚCIO ALCÂNTARA

**DOIS
DISCURSOS
ACADÊMICOS**

Fortaleza
Ceará - 1978

Discursos proferidos na Academia Cearense de
Letras, quando da posse do Acadêmico Lúcio
Alcântara na cadeira n.º 26 em 15/8/1978.

SAUDAÇÃO DO ACADÊMICO MILTON DIAS

Chegais em boa hora, Senhor Lúcio Alcântara, exatamente na data em que a nossa Academia Cearense de Letras, a mais antiga do Brasil, completa 84 anos de fundação.

E o pensamento corre, inevitavelmente, àquele tempo que já é outrora, ao 15 de agosto de 1894, para o salão nobre do Hotel de France (depois Pálace Hotel), onde, numa noite como esta, se realizou a sessão magna de instalação.

A iniciativa pioneira, que agitou os círculos culturais e sociais da tranqüila província — e logo teve repercussão em todo o País — há de ter parecido bastante ousada, aos olhos dos pessimistas que existem sempre, um pouco por toda parte.

Bendita e lúcida ousadia, nobre gesto que plantou um marco na história literária do Ceará — e ao longo do tempo vem se fortificando e florescendo, acompanhando o processo de evolução das letras brasileiras.

E ainda mais se revigora a alegria deste marcante ensejo, com a coincidência da primeira posse acadêmica nesta sede, quando se faz suceder a tradição política deste prédio, onde funcionou a Assembléia Legislativa do Ceará, pela tradição literária que lhe vêm trazer os novos ocupantes.

Aqui, onde se ouviram debates que a retórica, a eloquência e a paixão partidária tornaram quentes, a discussão não vai morrer, por certo: outros temas igualmente importantes serão abordados com o mesmo zelo, continuando o trabalho dos que primeiro se aglutinaram, sob a presidência do Barão de Studart, para dar ao nosso Estado um patrimônio cultural que se fez respeitado no País.

Vossa presença vem confirmar plenamente o justo critério de seleção dos eleitos para as Academias, tão bem definido por Afrânio Peixoto, quando recebia Osvaldo Cruz na Brasileira de Letras, assinalando que aquele sodalício ainda não conseguira “divulgar diferença essencial entre ciências e letras, a não ser que umas se fazem com as outras”. Ao que se pode acrescentar a observação de Nabuco, de que “a literatura quer que as ciências, ainda as mais altas, lhe dêem a parte que lhe pertence, em todo o domínio da forma”.

É que as ciências, as letras e as artes andaram sempre de mãos dadas. Aqui tivemos, entre os fundadores, os médicos Guilherme Studart, Eduardo Rocha Salgado e Adolfo Luna Freire. Passaram depois Manuel do Nascimento Fernandes Távora, Thomaz Pompeu Filho, Álvaro Fernandes, Jorge de Souza, José Justa e João Otávio Lobo, que deixaram uma lembrança imperecível do talento e da grandeza com que enriqueceram a literatura cearense. Cá estão também para acolher-vos, vossos colegas, doutores e escritores Carlos Studart Filho, Florival Seraine e Aderbal de Paula e Sales, que igualmente cultivam as letras e a medicina.

Esta Academia se abriu, sempre à cultura em todas as suas modalidades, especificamente à literatura e à produção científica, que figuram em dispositivo estatutário como objetivos fundamentais.

Felizmente, vai bem longe o tempo em que Platão estreveu no pórtico da sua Academia a condição que só daria lugar a bem poucos: “Aqui não entra quem não for geômetra”. Há de parecer estranha e contraditória a exigência restritiva, compreensível, porém, se atentarmos para o fato de que a filosofia estava apenas começando a se desvincular da matemática.

BRASÍLIA

1964

1964

ESTABELECIDO EM 1934

Já muito antes do nosso chamado, Senhor Lúcio Alcântara, não éreis um estranho à nossa convivência.

Como nautas que pastoreiam à noite e velejam ao sol de cada dia, estamos incansavelmente atentos aos que surgem navegando no sedutor e capcioso mar das letras.

Aventuroso mar a que nos lançamos, levados, talvez, pela encantação do gesto criador, talvez pela atração dos mistérios e caprichos da fecundação artística, ou, quem sabe, pelo fado com que o destino marca, fere, pune ou gratifica.

Mar de todos os deuses e de todos os demônios, de santos e sereias e bruxos, mar de todas as virtudes e de todos os pecados, mar a que nos fazemos cautelosamente, cuidados das surpresas, de desgraça ou de prêmio que o verde crespo das ondas serenas pode ocultar.

Mar feito de tormentos e de glórias, de naufrágios e sofrências, mar tentador e temeroso, em que se plantam sonhos para uma colheita imprevisível: a rede imponderável pode trazer estrelas e espinhos, esmeraldas e sargaços, sangue, rosas, espumas e pedras.

Estranho mar em que, muitas vezes, o que parece intrepidez é imprudência, o que parece coragem pode ser despreparo. Mar de austero juízo que afoga inapelavelmente a memória dos falsos valores.

Mar feito de prosa e de verso, povoado de menestrelis, de trovadores e jograis, tecido de estórias e de lendas, de romances e contos e crônicas, de epopéias e de odes, de cantigas, de poemas e baladas e salmos, de aleluias e *de profundis*, de tragédias e alegrias, de palavras, de silêncios e de gritos sem resposta.

Mar provocador de desafio, em que tristes, humildes, pequenos barcos e navios milionários e poderosos participam da mesma competição, que se renova como as suas ondas, aguardando o julgamento definitivo, pela mão irrecorrível da posteridade.

Mar por onde navegou triunfante Otacílio de Azevedo o acadêmico que vindes suceder e que Mestre Dolor Barreira considera "um verdadeiro poeta" e "um dos maiores da sua geração" e a quem presto, comovido, a homenagem do meu respeito maior.

Mar de muitos amantes e poucos eleitos.

Não vos inquieteis, Senhor Lúcio Alcântara. Neste mar não sois um grumete, trazeis a divisa dos marinheiros de longo curso. Não éreis um estranho para nós, repito.

Na verdade, já vos acompanhávamos nos vossos caminhos, seguindo vossos passos pela imprensa da nossa terra, e cedo percebemos que não vos limitastes aos estudos da medicina, penetrastes no reino das humanidades. E exercéis com êxito o fascinante ofício literário que empobrece alegremente, que exalta e maltrata, que escraviza e enobrece e ca-leja e não cansa — exatamente o que mais impõe a convivên-cia com os livros, o que mais exige em conhecimento e bom senso, em força imaginativa e poder criador e elaborador. Os que respondem ao seu apelo hão de ter de artesão e de ar-tista, de mestre e de aprendiz, de erudito e de hábil, ator-mentados constantemente pelo tempo, pois a cada momento nos damos conta de que é demasiado curta a vida para o muito que a nossa ambiciosa aspiração persegue.

Assumistes conscientemente a responsabilidade do “ás-pero ofício”, aceitastes seus graves compromissos, ameahas-tes cultura, trabalhastes vosso estilo, atingistes a clareza que é, como já se disse, “a probidade do escritor”, alcançastes a alta graça da simplicidade sem vulgaridade, somastes à se-gurança do raciocínio o domínio da palavra, juntastes à plas-ticidade, a elegância e a pureza da frase.

Bem andastes, reunindo em livro de expressivo título, produções de inequívoco valor, publicadas na imprensa. Bem procedestes, sim. A folha de jornal tem duração tão pequena, que se o autor não cuida de conferir-lhe o prestígio do livro, dentro de pouco tempo será conduzida pelo vento, sabe Deus a qual destino.

É realmente lamentável que tantas belas páginas, de- pois de apreciadas por um momento, comentadas por um dia, sejam condenadas ao esquecimento definitivo. Tanto pedaço do coração retalhado a golpe de sofrimento, tanto pensamen- to valioso ditado pela reflexão amadurecida, tanta idéia lu- minosa soprada por uma fagulha de inspiração, tanta lição

decorrente de meditação e pesquisas, tanta passagem aprendida no cotidiano, tanta sabedoria recolhida em estudos ou na boca do povo, tanta emoção e tantas lembranças, entregues ao jornal, têm um só dia de vida e desaparecem para todo-sempre.

Ingrato ofício este de cronista, de viver se traindo, denunciando seus sentimentos mais guardados, pois inelutavelmente se autobiografa e se divide com seu público, a troco de um sorriso silencioso de aprovação, de protesto ou de desprezo. Quando muito, uma palavra generosa de eventual apoio, ou, raramente, algumas poucas linhas do leitor que se encontrou numa mensagem. A mesma sorte está reservada ao articulista e ao editorialista que entregaram ao vento o destino dos seus escritos, o produto da sua inteligência, da sua observação, das suas vivências, da sua cultura e da sua sensibilidade.

Vosso livro *O Médico vê o Homem* revela o médico bem aparelhado de experiência, de conhecimento da sua área, ao mesmo tempo bem servido de cultura geral, o homem sensível à problemática do seu semelhante, o observador sagaz, profundo conhecedor da nossa realidade regional e nacional, capaz duma visão particular e global da humanidade, duma interpretação desapassionada, analisando os dramas de saúde que afligem a comunidade e se refletem na vida de cada um. Importante assinalar a inteligência do exame minucioso que procedeis em cada aspecto, seguido, geralmente, de sugestões precisas e exequíveis, apresentando “fórmulas nacionais compatíveis com a nossa realidade e com os objetivos a serem atingidos”.

Do começo ao fim, passam nesse livro os problemas mais graves do binômio homem-meio, com suas implicações sobre o desenvolvimento. Atentais para toda uma gama de aspectos sociais ligados à higiene, e vos preocupais, basicamente, com a sorte do povo que “ainda vive nos campos e que constitui, exatamente, sua parcela mais sofredora e necessitada”.

E a mesma argúcia que vos ajuda no estudo da Medicina Preventiva no Brasil, vos conduz à abordagem de situações

semelhantes em outros países. Passais dos Estados Unidos à Suécia, à América Latina, com a mesma segurança de informações, estabelecendo critérios de aferição de valores e parâmetros de analogia, examinando resultados, expedindo conceitos, diagnósticos e conclusões judiciosas.

Num dos textos, tomais como tema “Medicina, Tecnologia e Humanismo”, numa excelente síntese que corresponde a uma tese vigorosamente defendida, e, já num outro, explorais “Copérnico, sua época e sua obra”, revelando, assim, a todo instante, que o homem de ciência tem permanente encontro com o humanista.

Não foi sem razão que o acadêmico Otacílio Colares assinalou, com muito propósito:

“É pois, o escritor nato, que há em Lúcio Alcântara, quem apresenta agora, em estilo corrente e comunicativo, todo um mundo de percucientes indagações e conclusões de cunho específico, reflexos de uma observação sempre esclarecida e corajosa, que faz da Medicina, não uma ortodoxia, antes, procura torná-la acessível ao domínio comum, ela, que deverá ser, sempre, uma presença válida no contexto social das comunidades humanas.”

E o Professor Régis Jucá, prefaciando vosso livro, afirma que “tais temas revelam a extensa gama de preocupações do autor para com a saúde pública, o ensino superior, o meio ambiente, a medicina e suas interações com a literatura. Acentuam também o respeito — do autor para com a ciência e para com o humanismo, o que aliás tem sido demonstrado no seu desempenho como Estudante de Medicina, Presidente do Diretório Acadêmico, Médico e Médico-Plantonista, Professor Universitário e Secretário de Saúde”.

Não são outras as linhas mestras do vosso livro *Um compromisso anterior*, em cujo prefácio o Professor Newton Gonçalves ressalta vosso trabalho à frente da Secretaria de Saúde do Ceará, onde, afirma ele, “em poucos meses de atividade profícua, alterou rotinas, removeu obstáculos, abriu caminhos novos e deixou bem definida filosofia de administração que os mais velhos aplaudiram”. E conclui que o vosso

exemplo “é uma contestação à tese de que só os anos amadurecem o bom senso”.

Nos três trabalhos reunidos na plaqueta sob o título *Sinos da Consciência*, nos temas que aí desenvolveis, com o mesmo desembaraço de mestre, com a mesma correção de linguagem, o mesmo estilo despretençioso coloquial e elegante, o leitor colhe sempre a certeza da bem assimilada erudição que abastece amplamente vosso patrimônio cultural, confirmando a sentença corneliana contida num verso de “Le Cid”, de que o valor não espera pelo número de anos. É a mesma conclusão a que se chega, diante da vossa bibliografia enriquecida de doze trabalhos científicos.

É de justiça sublinhar, pralelamente a todas essas observações, a disciplina mental que vos sugere um método de trabalho na melhor linha cartesiana. O zelo e o bom gosto com que selecionastes as citações para o pórtico de cada capítulo, invocando não apenas a autoridade de cientistas, mas de escritores, pensadores, poetas, artistas, confirmam vossa freqüência aos clássicos das áreas mais diversificadas.

Nada disto surpreende. É que fostes provado na formação universitária, no exercício do magistério superior, em cursos de pós-graduação, de extensão e de atualização, na participação atuante em simpósios e congressos no Brasil e no Exterior. Provado, igualmente, no trato com a administração pública, em que, além de outros altos postos, ocupastes por três vezes Secretarias de Estado. Assim, se justificam as medalhas, condecorações e títulos honoríficos com que fostes agraciado por sociedades médicas nacionais e estrangeiras.

Senhor Lúcio Alcântara:

As águas do porto a que chegais se pintaram de esperança para vos acolher, pois vossa nau vem bem abastecida de juventude e de conhecimentos.

Ficai a gosto.

Nós que vos elegemos, já vos aguardávamos e agora vos saudamos. E a Academia Cearense de Letras vos recebe, em bandeirada em arco, como um navio em dia de festa.

**DISCURSO DE POSSE
DO ACADÊMICO LÚCIO ALCANTARA**

Arrimado no estímulo generoso de amigos sinceros, fiz-me candidato a uma cadeira, a de número 26, da Academia Cearense de Letras, vaga em decorrência do falecimento do poeta Otacílio de Azevedo. Temo que da minha ousadia, amparada pelo sufrágio unânime com que me acolheram os Senhores Acadêmicos, decorram responsabilidade tais que superem em muito os poucos méritos que teríeis identificado em mim e nos quais confiastes a ponto de me distinguirem com a benevolência do vosso apoio. Penetro, neste recinto, com a atitude reverente dos que entram nos templos monumentais caminhando com passos macios e de cabeça baixa a meditar sobre o peso da tradição e da história da Casa de Thomaz Pompeu, bem assim de seu significado e importância para a cultura cearense. Quanto mais reflito sobre a grandeza da instituição e o valor de seus membros de hoje e de antanho, mais indago a mim mesmo se minha eleição não teria sido um daqueles aquívocos da glória a que aludia Rodin. Espero em Deus que meu desempenho futuro não venha a frustrar a confiança de que me fizestes fiel depositário. Incorporo-me à Academia como o mais humilde de seus membros e só penso em me ombrear com os demais no amor à Casa e no devotamento aos assuntos da cultura e da inteligência. Tenho consciência de que minha presença entre vós nada acresce à luminosidade esplendorosa que daqui se irradia, mas me dou por feliz ao extremo se bem puder refletir seu brilho contínuo e ofuscante.

Prescrevem as regras acadêmicas que o preenchimento de vagas se faça mediante inscrição do pretendente, satisfeitas as exigências requeridas e a praxe processual regulada

em norma própria. Vê-se, pois, que aqui não há lugar para reveis. Não se escolhe quem não postula, não é eleito quem não concorre. Vai daí que o ingresso de um novo membro na Academia resulta de dupla manifestação de vontade. A de quem pleiteia e a de quem elege. Os acadêmicos decidem com base nas qualidades e nos títulos do candidato, enquanto este postula fundamentado em motivações próprias que variam de uma pessoa a outra. Há, aí, lugar para toda sorte de sentimentos e emoções que povoam a alma humana, tanto os nobres como os mesquinhos.

No meu caso, que razões teriam me levado a ingressar na Academia? Essencialmente duas, que, a rigor, se complementam. Em primeiro lugar, a consciência da importância não apenas histórica, mas bem atual, do papel que ela desempenha no processo cultural de nosso Estado, razão por que a vejo como agente dinamizador da cultura cearense. As Academias de um modo geral, e a do Ceará não faz exceção, são objetos de freqüentes críticas dos que as consideram organizações anacrônicas, redutos de formalismo e concepções superadas, onde se encastelam intelectuais reacionários cheios de preconceitos quando às idéias renovadoras. O vento veloz das vanguardas e das inovações esbarraria impotente diante da atmosfera rançosa e bolorenta que envolveria as instituições acadêmicas. É necessário distinguir, antes de entrar no mérito da crítica, duas naturezas diversas de críticos. Há os que, em relação à Academia, são como a raposa da fábula. Não podendo alcançá-la, condenam-na. Existem, também, os honestos, mormente os jovens que se esforçam por abrir maior espaço cultural, bem como por difundir idéias, pensamentos e conceitos sobre arte e literatura. Estas, todavia, ainda que fora dos padrões habituais, devem ser acompanhadas e estimuladas como manifestações de sensibilidade artística e espírito criador. Há, por toda parte, uma proliferação de publicações literárias de qualidades díspares, constituindo uma nova imprensa chamada "nanica", alternativa ou marginal. Marginal porque foge aos padrões da grande imprensa, quer na elaboração, quer no conteúdo. Pois bem, é para esses

jovens que devemos dirigir nosso olhar, empenhados em reduzir o fosso existente entre uns e outros, evitando que se adensem de parte a parte os preconceitos e se fortaleçam as resistências e rejeições mútuas. Devo vos dizer, Senhores Acadêmicos, mesmo sem delegação para tanto, que é também em nome desses jovens que aqui apporto. Venho não como um intelectual diletante e apenas para receber o galardão honroso com que ora sou distinguido, mas como homem do meu tempo para ajudar com entusiasmo o esforço que aqui se promove para modernizar e ativar a vida acadêmica, o que já grangeou para a Academia justa e estimulante aura de simpatia e reconhecimento.

A iconoclastia dos jovens e a rebeldia dos vanguardistas se anatematizam as academias não criam em relação a estas incompatibilidades definitivas. Do contrário, como explicar que os membros do exército rebelde dos modernistas de 22 tenham quase todos, um a um, entrado para a Academia Brasileira de Letras? Para lá foram Cassiano Ricardo, Graça Aranha, Menotti Del Picchia, Cândido Mota Filho. Os dois Andrades, Oswaldo e Mário, tomados pela juventude como modelos de inconformismo e rebeldia, não escaparam ao fascínio acadêmico, pois o primeiro chegou a disputar uma eleição para a Academia Brasileira de Letras e o segundo integrou, à semelhança de outros companheiros de movimento, os quadros da sua congênere paulista. Talvez as Academias sejam para esses espíritos irrequietos como a maturidade para Antônio Carlos Villaça, "o encontro da paixão com a lucidez... ", isto é, um ponto de justo equilíbrio. Nem a inconformação é incompatível com a Academia, nem essa é insensível aos movimentos de renovação cultural. Em relação à nossa Academia, a afirmação não é menos verdadeira. Sua origem remonta a período de intensa ebulição intelectual e social que marcou a Fortaleza das últimas décadas do século passado. Entre 1884 e 1894, ano de fundação da Academia Cearense, criaram-se em nossa cidade o Clube Literário, o Clube Iracema, o Instituto do Ceará, a Fênix Caixeiral, a Padaria Espiritual e o Centro Literário, todos frutos do am-

biente de fermentação social, política e cultural que dominava a capital cearense. Não seria diferente quando da reorganização da Academia em 1922. Foi Leonardo Mota, espírito combativo e inteligência fulgurante, quem sacudiu a instituição da modorra em que havia mergulhado, incitando o próprio Presidente do Estado, Justiniano de Serpa, por coincidência um de seus fundadores, a promover sob sua égide a reanimação da Academia. A segunda reforma por ela experimentada no ano de 1930, foi feita igualmente por jovens, de pensamento mais livre e independente, sob a coordenação de Valter Pompeu, Oficial do Exército e Bacharel em Direito, então com 29 anos de idade. Esta foi sem dúvida uma reforma mais radical, pois, a par de serem eliminados alguns acadêmicos, cogitou-se de modificar o nome de Academia Cearense de Letras para Academia de Letras do Ceará, ao mesmo tempo em que se pensou em romper com o passado, considerando esta uma nova associação e não uma segunda fase da primeira.

Detive-me um pouco neste esboço histórico, já bem conhecido de todos, para assinalar com destaque a identificação deste sodalício com os movimentos renovadores e a participação ativa de jovens idealistas em momentos cruciais e decisivos de sua existência. Por entender que esta é uma tribuna livre de uma instituição liberal já quase secular, onde se cultua a liberdade de expressão e se fere o debate intelectual sem peias ou tutelas e se pratica a cultura do povo sem dirigismos ou oficialismos, é que vim até aqui para unir às vossas a minha voz e clamar pela elevação cultural de nossa gente.

Cabe-me, ainda, apresentar o segundo motivo em que me apoiei para pretender a láurea acadêmica. É que me assengurei através da leitura e do conhecimento de suas disposições estatutárias desde os primórdios, quando moldada à semelhança da Academia de Ciências de Lisboa e depois de adaptada aos cânones da concepção francesa por ocasião da reforma de 1922, que a Academia na qual acabo de ingressar dedica atenção por igual às ciências tanto quanto às artes.

Senão vejamos. A ata da sessão de fundação registra como um dos objetivos da nova entidade “examinar e emitir parecer sobre teorias, problemas e questões da atualidade”. A reforma de 1922, embora havendo acrescentado à denominação de “Academia Cearense”, a expressão “de Letras”, insere em sua carta estatutária dispositivo mais explícito em relação à ciência que indicava entre outras de suas finalidades “realização de sessões públicas em que os seus sócios expunham e discutiam assuntos de natureza literária e científica”. Por último, os estatutos vigentes, aprovados em 12 de abril de 1976, cristalizam o interesse acadêmico pelas atividades científicas, conforme consta do seu art. 1.º “... tem por finalidade o cultivo e desenvolvimento da Literatura, assim como da produção científica em forma de ensaio ou tratado”. A tradição francesa que nos serviu de exemplo contempla a um só tempo, com as palmas acadêmicas, todas as glórias nacionais e não apenas literatos, sem que as presenças de uns desdorem aos outros, razão por que foram acadêmicos, entre tantos, os cientistas Pasteur e Claude Bernard. Neste sentido, as Academias, a nossa inclusive, são pontos de fusão e fatores de síntese entre os grandes caudais da torrenciosa criativa do homem, a arte e a ciência. Como médico e professor universitário, como cidadão do mundo, por formação e convicção pessoal, defendo e professo uma abordagem integrada e humanística da sociedade como forma de descortinar nova perspectiva, capaz de favorecer, cada vez mais, à vida humana em nossos dias. Cruza-se por este modo, mais uma vez, o meu caminho com o da Academia, pois aquilo por que venho pugnando com pertinácia e entusiasmo está inscrito como divisa no *caput* de sua carta de princípios.

A dissociação das “duas culturas”, expressão cunhada por Snow, fraciona o universo humano e determina dois modos de pensar: o artístico e o científico. A divisão arbitrária cria dois mundos distintos que as fronteiras artificiais separam rigorosamente, consolidando a idéia de que ao ser humano é impossível ou inconveniente tentar apreender simultaneamente os dois processos. Em resumo, um cientista seria

sempre um mau literato e um artista nunca poderia penetrar com sucesso nos labirintos da ciência. A mitologia da técnica e da especialização incutiu em cada homem a noção de que, se é mais eficiente no desempenho de um ofício, quanto mais se ignorar o que está do outro lado da cerca. Este é um defeito de educação que, agravado, vem se transmitindo às gerações sucessivamente. Numa palavra, aos cientistas a ciência somente, aos artistas a arte apenas. Coisa diferente, disse Keats com graça e poesia referindo-se às relações entre arte e ciência na sua "Ode a uma Urna Grega", no verso que reproduzo a seguir:

A beleza é verdade, a verdade,
beleza ———— isso é tudo
Que sabemos na Terra, e tudo
que precisamos saber.

Há, é evidente, distinções entre arte e ciência. A arte é subjetiva, a ciência objetiva. A primeira cria com emoção, enquanto que a segunda produz com a razão. O artista busca a beleza, o cientista procura a verdade. O primeiro usa somente a imaginação, o outro se utiliza também do método experimental. Está claro que distinções tão nítidas não passam de uma simplificação do problema, que mais ocultam do que revelam os pontos de contacto entre ciência e arte. O que me parece fundamental é ter presente a idéia de complementariedade do conhecimento que tem por pressuposto básico o princípio de que a literatura como a arte de um modo geral não são epifenômenos da ciência ou vice-versa. Um ramo do conhecimento não é mais importante do que o outro, nem dele pode prescindir. Toda inconveniência da separação drástica entre arte e ciência aflora intensamente quando se considera a questão de expressão do conhecimento. O cientista Piet Hein, abordando o problema em artigo publicado na Revista *Impact on Science* (vol. XXIV N.º 1/ Jan-March 1974), define a arte incluindo a literatura como o modo pelo qual alguém se expressa, enquanto a ciência é

a tecnologia dispõem de resultados que necessitam de ser expressados. Com a divisão do mundo cultural, aquele capaz de expressar-se nada tem para dizer e o que tem algo para dizer não pode formular sua expressão. Tentar conectar os dois mundos é cometer o pecado mortal de querer mexer no que não deve ser misturado. Os resultados negativos desta dicotomia condenável não tardam a aparecer na prática. São os profissionais egressos de nossas universidades que nada sabem além de seu restrito campo de conhecimento. Médicos que mal escrevem uma receita, engenheiros que têm dificuldade em redigir um relatório e advogados que não vão além dos formulários padronizados distribuídos nas repartições forenses.

Mesmo Tolstoi, ao afirmar que “ciência e arte estão tão próximas como os pulmões e o coração, de sorte que se um órgão está doente o outro não funciona bem”, admitiu uma separação entre os dois tipos de conhecimento. O ponto de referência comum entre arte e ciência parece estar na capacidade de criar, na essência do processo criativo.

Criatividade, como ponto comum de geração do produto artístico e científico, é na conceituação do antes citado Piet Hein a capacidade de ver coisas quando elas ainda não existem. Qual é o significado de sonhar acordado sobre coisas que não existem? indaga ele. A resposta, segundo ainda o mesmo autor, é que só podemos tornar realidade aquilo com que sonhamos. É dessa sensibilidade rara que são feitos os grandes artistas e cientistas. Para este fato já nos chamava a atenção Ezra Pound quando asseverou que os artistas são as antenas da raça. Antenas que detectam com antecedência comprovada historicamente as transformações políticas, sociais, científicas e tecnológicas da humanidade.

— Nenhuma apreciação sobre as relações entre arte e ciência pode deixar de considerar para análise o movimento futurista. Ele foi estruturado basicamente sobre a idéia de movimento. “Nós afirmamos que a glória do mundo foi enriquecida por uma nova forma de beleza, a beleza da velocidade”, dizia Marinetti em entrevista publicada no *Le Figaro*

em fevereiro de 1909. Foi do manifesto que lançou as bases do futurismo que extraímos esta outra passagem: “Tudo se move, tudo corre, tudo muda rapidamente. Um perfil nunca é estável diante de nossos olhos, mas constantemente aparece e desaparece. De acordo com a persistência de uma imagem sobre a retina, objetos em movimento se multiplicam constantemente, eles se deformam e se sucedem um ao outro como vibrações no espaço através do qual se deslocam. Assim um cavalo galopando não tem quatro patas mas vinte com movimentos triangulares”. Para Francesco D’Arcais, matemático italiano, a incorporação da idéia de velocidade à arte transformou os quadros em flagrantes obviamente distorcidos, pois a figura reproduzida era apenas um instante de uma ação contínua. A incorporação da noção de velocidade à pintura levou-nos da arte figurativa à abstrata.

É conhecido o fato de que os pintores impressionistas se louvaram para a realização de seus trabalhos nos estudos científicos realizados no século XIX, sobre as cores e a decomposição da luz. Esta foi uma relação direta de influência da ciência sobre a arte.

O futurismo de Marinetti e a pintura cubista e construtivista, são exemplos de paralelismos entre arte e ciência para os quais não encontramos explicações óbvias. Que pode haver de comum entre as teorias científicas de Langevin sobre a relatividade parcial e a arte futurista? Ou entre os estudos de Einstein sobre a terceira e quarta dimensões e a pintura cubista e construtivista, sabendo-se que estes fatos científicos e artísticos foram contemporâneos? Talvez aqui estejamos novamente diante do poder de intuição do artista e de sua capacidade de captar no ar as transformações em curso. Pelo menos foi assim que um dos primeiros artistas construtivistas, Naom Gabo, focalizou a questão ao afirmar: “se muitos de nós sabíamos exatamente ou não o que estava acontecendo com a ciência realmente não importa. O fato é que havia qualquer coisa no ar e o artista com sua sensibilidade age como uma esponja”.

Visto algo sobre as relações existentes entre arte e ciência, quero agora me deter para examinar de modo particular as ligações da medicina com a literatura. Trata-se de associação antiga, estreita e fecunda, nem sempre amistosa, embora. Refiro-me aos autores que, tendo por tema central de suas obras os médicos e a medicina, escrevem sobre eles com talento, às vezes com razão, mas sempre com debique e ironia. Para não me alongar, fico no exemplo dos clássicos e célebres adversários da classe médica. Por certo já advinhas-tes que me refiro a Montaigne e a Moliere. Outros existem que também fizeram sobre as fraquezas dos médicos e as insuficiências da medicina a grandeza de suas obras. Mas há, também, os que sendo leigos brindaram a humanidade com descrições exatas e valiosas de variadas patologias e situações mórbidas. E não apenas no campo da perturbação mental, onde os exemplos proliferam com espantosa minúcia e exatidão. Esta é uma contribuição nada desprezível feita à medicina pela literatura. São exemplares a perfeita descrição do epilético, retratado por Dostoievsky, na figura do príncipe Michkin, como também as peripécias do Dom Quixote, criação do genial Cervantes, cujo comportamento em tudo se justapõe, nas ilusões quase permanentes, alucinações e megalomanias, ao quadro da paralisia geral demencial sifilítica. Também é conhecida a observação arguta de Machado de Assis no conto "O Alienista", sobre as relações de poder entre psiquiatria e sociedade e a sutileza dos limites entre normalidade e loucura. Tratou portanto o grande romancista brasileiro com surpreendente antecendência de assunto atualíssimo, objeto de acesas discussões científicas. Observa Eduardo Maffei, em bem elaborado estudo sobre a matéria, que foi Cervantes, filho de médico, o primeiro a descrever no último capítulo de sua obra, com espantosa nota científica, a cura da sífilis nervosa pela hipertermia. É assim que ele se expressa: "Veio-lhe uma febre que o teve seis dias de cama ..." e logo a seguir: "... dai-me alvíssaras que já não sou Dom Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano ..." "... já não me são valiosas todas as histórias profanas da cavalaria

andante; já conheço a minha necessidade e a abomino ...”
“... e foi por ele se ter mudado com tanta facilidade de doido em assisado, porque às razões já mencionadas acrescentaram outras, tão bem ditas ... e lhe fez crer que estava bom”. Somente cerca de três séculos decorridos da aparição de “Dom Quixote”, um médico austríaco, Wagner von Juregg, observando que uma paciente sífilítica melhorava rapidamente dos sintomas neurológicos, quando acometida de erisipela apresentava febre alta, introduziu o tratamento da neurosífilis pela piretoterapia, através da inoculação no paciente de parasitas da malária. Antevisão, presciência, simples coincidência literário-científica ou agudo senso de observação de Cervantes?

O historiador Tucídides, que descreveu a epidemia de peste que grassou no mundo entre 430 e 427 a. C., o romancista Albert Camus, autor de *A Peste* e Tomas Mann, em *Os Buddenbrook*, este descrevendo quadros de febre tifóide e patologia respiratória, nos transmitiram fiéis descrições clínicas, fruto de atilado senso de observação. É extraíndo da ficção elementos para uma interpretação científica da obra, de caráter sociológico ou psicológico, que se vem fundindo os caminhos da ciência, sobretudo da medicina, com a literatura. A essa análise curiosa não escapam os autores cujos estudos de personalidade são do domínio da patografia que visa “descrever os aspectos interessantes para o psicopatologista da vida psíquica de uma figura histórica, política ou artística e a importância dessas manifestações e processos para explicar a criação de tais homens” (Jaspers). São exemplos de trabalhos dessa natureza os de Moebius sobre Rousseau, Goethe e Nietzsche, os de Wilhelm Lange sobre Holderlin e os de Jaspers a propósito de Nietzsche, Strindberg e Van Gogh. Aqui o que se busca é pesquisar semelhanças entre criador e criaturas, ou seja, reflexos da personalidade do autor sobre personagens ou características de sua obra.

O médico nunca foi estranho à literatura como autor ou amante. Esta tendência decorre do cunho humanista da profissão que se consolidou a partir do Renascimento com des-

taque para as figuras grandiosas de Ambroise Paré e de Rabelais. Deste, diz com entusiasmo Clementino Fraga, haver sido o maior humanista médico de seu tempo e verdadeiro iniciador do humanismo científico.

Com o tempo, tem-se deteriorado, por causas várias, este aspecto humanista da profissão médica e com ele se extraviado nos doutores o gosto pela literatura. "*Medicus non literattus, non medicus nec literattus*" foi o lema cunhado pelo médico e poeta italiano, Guido Bacelli. Com a transformação do médico e da medicina perdem ambas, a ciência e a arte.

O preconceito da especialização agrava ainda mais o problema, pois sopita na alma dos esculápios, e disto dou testemunho, esconsas vocações artísticas. É como se fosse defeso aos médicos, por imposição social e exigência técnica, curar de outro ofício que não o de sarar enfermos e consolar doentes, sob pena de risco grave de descrédito profissional.

A natureza da profissão médica, a vastidão de sua área de influência e o fato de situar o homem como objeto de sua atenção nos aspectos físico, espiritual e social, responde pela freqüência com que o médico se dedica à literatura. Até o diagnóstico, fulcro da atividade médica como bem diz o médico e escritor português, Fernando Namora, sugere aptidão para compreender um dos mais fecundos exercícios que qualquer escritor possa desejar.

A história da literatura está cheia de exemplos de escritores médicos. As Academias não têm sido indiferentes aos doutores. Na Academia Brasileira de Letras, sempre estiveram presentes em representação significativa, havendo por lá passado grandes nomes como: Afrânio Peixoto, Aloísio de Castro, Antônio Austregésilo, Miguel Couto, Oswaldo Cruz, Antônio da Silva Melo, Guimarães Rosa, Ivan Lins e tantos outros. Lá se encontram ainda Deolindo Couto, Afrânio Coutinho, Carlos Chagas Filho e Peregrino Júnior. Entre nós eles estão presentes desde a criação da Academia pois, dos treze fundadores, eram médicos o Barão de Studart, Adolfo Frederico de Luna Freire e Eduardo da Rocha Salgado. Man-

tendo a tradição, temos entre os acadêmicos de hoje médicos e intelectuais ilustres, que honram a profissão e dignificam a instituição a que pertencem. São eles, Carlos Studart Filho, Florival Seraine e Aderbal de Paula Sales.

Há médicos que ingressam nas Academias na qualidade de cientistas exclusivamente. Foi assim com Oswaldo Cruz. Outros fazem-se acadêmicos também em função de suas produções literárias. São os médicos escritores e os escritores médicos conforme predomine o fazer científico ou literário. Num caso está Clementino Fraga e no outro Guimarães Rosa. Une a todos a profissão, mas se distinguem na intensidade com que praticam ou cultuam a literatura. A transição de médico escritor para escritor médico é dilema de difícil solução por empecos de ordem prática e existencial abordados com felicidade pelo já citado Fernando Namora na introdução que escreveu para seu romance a *Casa de Malta*. Aliás, sobre o mesmo autor, escreveu Mário Sacramento inteligente ensaio no qual analisa a evolução da obra do romancista e médico português, mostrando a transformação da temática e do tratamento estilístico do autor à proporção que o escritor se liberta do médico, até sua definitiva profissionalização literária. A maior parte permanece como médico escritor, por insuficiência de dotes, escassez de tempo ou temor de enveredar pelos caminhos incertos da aventura literária profissional. Só uma coisa não pode ser esquecida; a preocupação com a qualidade do que se escreve. Ser amador, ou mestre de outro ofício não exime ninguém da obrigação de realizar bem aquilo que faz por gosto, sobretudo por isto.

Dispõe o ritual das Academias que ao novo acadêmico, por ocasião de sua posse, incumbe evocar o Patrono da Cadeira para a qual foi eleito, bem como proceder ao elogio de seu antecessor.

Cumpro o preceito estatutário com o ânimo dos que se lançam a cometimentos nobres, inspirados por sentimentos de justiça e reconhecimento.

Na figura de Manuel Soares da Silva Bezerra — ilustre Patrono da Cadeira n.º 26 — o difícil é exaltar, dentre muitas,

as qualidades que exornavam sua personalidade, sem que a menção a algumas obscureça outras, prejudicando o conhecimento por inteiro de sua vida e obra.

Manuel Soares da Silva Bezerra, nascido no Riacho do Sangue, hoje Jaguaratama, em agosto de 1810, foi homem de pensamento e de ação, havendo se destacado mercê de seu caráter reto e coerência espiritual, que lhe valeram sempre como normas de conduta, das quais nunca se afastou. Bacharel em Direito pela Faculdade de Olinda, de volta ao Ceará ingressa na política, havendo sido Deputado Provincial em duas legislaturas (1840-1843 e 1870-1873), Vice-Presidente e posteriormente Presidente da Assembléia, Deputado Geral no quatrênio 1860-1863 e terceiro Vice-Presidente da Província. Neste último posto, exerceu a direção do Governo por alguns dias, em outubro de 1872. Foi, ainda, Juiz Municipal em Quixeramobim, lente substituto de Geometria e efetivo de Português no então Liceu de Fortaleza. Exerceu na Administração Pública os cargos de Inspetor Interino da Instrução Pública, Procurador Fiscal da Tesouraria da Fazenda e Inspetor do Tesouro Provincial, em que viria a se aposentar no ano de 1874. Foi dinâmico colaborador de vários jornais da terra e escreveu diversos livros, todos tendo por temas assuntos de filosofia e vernáculo, nos quais foi muito versado, e de religião, católico ardoroso que era. Por sua fé granfítica e constante devoção à causa da Igreja, foi agraciado pelo Papa Pio IX com o hábito de Gregório Magno. Seus principais escritos são:

Compêndio de Gramática Philosophica — 1861; *Os Dogmas Políticos do Christão* — 1864; *Compêndio de Gramática da Língua Nacional* — 1877 “*O Inferno ou a Refutação*”, (negando a existência do inferno) — 1868; *O que é o Protestantismo* — 1884, livro que assinou como *um Suisso do Vaticano* e dedicou “às pessoas e famílias catholicas em prol de sua fé”.

Os ensinamentos morais que transmitiu e as lições de virtude que nos legou são atuais porque universais, forradas do idealismo que resiste ao tempo, porquanto meta a ser

permanentemente perseguida. São palavras suas no prólogo de *Os Dogmas Políticos do Christão*. “Sim: quem reflete sobre nossa moralidade, comparando-a com a dos séculos passados, não deixará de perceber que della só conservamos o verniz, a aparência. Não é, antes fosse uma exageração. Os mais illustrados, a quem seguem os ignorantes, isso que se chama gente grada da sociedade, tem por princípio na theoria e na prática que tudo é lícito na política, sem exceptuar mesmo o que se oppõe à religião, à moral e à lei”. Mais adiante, no mesmo texto, afirmava ser iníqua toda lei que não repose sobre princípios morais, ao dizer textualmente: “Supprimindo-se a repressão moral supprime-se igualmente a repressão legal pela consequência de que a auctoridade, que a exerce, é tal qual aquelle a quem reprime e a que por isso seus actos sam tirania e não justiça”.

Católico decidido e apaixonado, atribui os males da nossa política, que increpa de “pior que a dos pagãos e gentios”, à irreligiosidade do povo. Verbera contra os ímpios e deplora os que escarnecem dos católicos praticantes.

Foi um crítico enérgico da política do crescimento material ilimitado, apoiada “na doutrina do príncipe do mundo e dos sábios de um dia”. Polemista, espírito enérgico e viril, nunca deixou de terçar armas em defesa de suas arraigadas convicções. Brandia sua pena fulgurante através da imprensa em defesa da fé e da religião, freqüentemente agredidas pelo pseudo cientificismo dos que na sua incipiência supunham já conhecer tudo sobre os insondáveis mistérios do universo. Sem recusar o debate e sem temer o entrechoque das idéias, distingue entre os seus oponentes “os que criticam com bom senso e civilidade somente por amor da ciência, dos que criticam de tudo por divertir à sua malignidade habitual; dos que tudo criticam, porque se presumem os únicos capazes de fazer cousa irrepreensível; e dos que criticam de tudo, porque não podem por sua inveja sofrer que outrem faça o que eles não podem fazer”.

Sensível à crítica honesta e racional, revela sinceridade de propósito e disposição de emendar-se quando incorrer em

equivoco ao afirmar no prefácio à *Grammatica da Língua Nacional*, de sua autoria, não desejar, ao veicular suas idéias e lições, “introduzir na circulação moeda falsa por verdadeira”.

Manuel Soares da Silva Bezerra veio a falecer no dia 29 de novembro de 1888, deixando descendência numerosa, na qual despontou a figura de seu filho, Antônio Bezerra, poeta e historiador e um dos fundadores da Academia Cearense de Letras.

De sua morte ocupou-se o jornal *O Ceará*, em número especial datado de 2 de dezembro, em artigo assinado por Vicente Mendes e de onde extraímos o trecho seguinte: “Sua vida pública foi como a íntima, um contínuo exercício de virtudes. Em nome da verdadeira sciencia elle aprofundou com a maestria notável todas as questões que entendiam com a religião católica, muitas e muitas vezes calunniada na imprensa cearense; escrevia com a energia de mestre e descoria com a proficiência de sábio que o era”. A escolha de seu nome para patrono de uma cadeira nesta Casa da cultura e da ciência cearense, foi ato de inteira justiça praticado sob elogiável inspiração. Inicialmente Patrono da Cadeira de n.º 18, ocupada por Manoel Antônio de Andrade Furtado, que lhe fez seguida em religiosidade, talento e nobreza de espírito teve, à semelhança de outros, seu nome eliminado e substituído pelo de D. Joaquim José Vieira, por ocasião da reforma operada na Academia no ano de 1930. Felizmente, a lamentável ocorrência seria reparada mais tarde. Com efeito, na reorganização processada em 1951, foi restaurada a homenagem ao grande vulto, tomando-se seu nome para Patrono de uma nova Cadeira, a de n.º 26, até hoje sob a guarda de sua honrada memória.

Não tive a ventura de conhecer Otacílio de Azevedo, a quem sucedo na Cadeira de número 26, desta Academia. Preencho a vaga sem que o substitua. Persiste nela o luto de que se cobriu por ocasião de sua morte, pois o poeta não teve substituto.

Reputo privilégio inquestionável o convívio dos poetas. É convivência que só faz bem à alma das pessoas, quebra a monotonia das vidas mais insípidas e sensibiliza até os espíritos rudes. A leitura de sua obra e do que sobre ele se disse, se não supriu a contento a lacuna do conhecimento pessoal, deu-me uma visão do homem que foi, de seus enfrentamentos com o mundo, da singeleza de sua alma e de seu imenso talento criador. Otacílio de Azevedo, nascido em Monte Alegre, Redenção, a 11 de fevereiro de 1896, teve toda sua vida pontilhada de dificuldades e vicissitudes, começadas pela morte paterna aos oito anos. Órfão de pai, para prover seu sustento logo começa a trabalhar como funileiro em sua cidade natal. Na sua infância difícil só havia de poesia a infância, no dizer de Ferreira Gullar. Dela, contudo, retiraria mais tarde muito da beleza com que esculpiria algumas de suas melhores poesias. Em 1910, emigra para Fortaleza, indo trabalhar na "Fotografia Olsen", onde teve por companheiros seu irmão, Júlio Azevedo, o futuro contista Herman Lima e o poeta Raimundo Varão. O *atelier* era também muito freqüentado por pintores e poetas, entre os quais Ramos "Cotoco", Antônio "Roiz" e José de Paula Barros. Aí o temperamento sensível de Otacílio teria encontrado o fermento necessário para fazer eclodir o seu talento e desencadear o gosto pela poesia e pela pintura. O conhecimento que travou dentre outros, com Carlos Gondim, Quintino Cunha, William Peter Bernard, o Vilião, como fazia questão de ser chamado, induziu-o a uma vida boêmia e patusca, porém cheia de efervescência intelectual típica da Fortaleza daquela época. Desta vida de boemia restaram episódios curiosos. Certa feita foi a "tentativa" que fizeram Otacílio, Quintino e Vilião, de sitiar o Palácio do Governo. Em romaria boêmia pela praia do Meireles, os três mediante inflamados discursos recrutaram mais de duzentos homens e partiram rumo ao Palácio para "tomar o Governo". Bastou a visão do Palácio protegido pelos policiais embalados para que se dispersasse a multidão e sumissem os três líderes, pondo-se termo à "rebelião", sem mortos ou feridos... Em outra ocasião, e o fato está narrado por

Jáder de Carvalho no belo discurso de saudação a Otacílio por ocasião de sua posse nesta Academia, o alvo do extravasamento boêmio foi o cemitério. Certa noite de um 31 de dezembro foram ao cemitério em atitude de saudosa homenagem Jáder, Otacílio e Sidney Neto e sobre a campa do poeta Mário da Silveira, tragicamente desaparecido, derramaram-se os três em comoventes récitas de poemas seus e do artista assassinado. Não precisa ter muita imaginação para idealizar o espanto e o temor que causaram os três aos habitantes da ruazinha vizinha ao escalarem de volta, noite funda, o muro alto do cemitério . . . Não foi só de brincadeiras e boemia a vida de Otacílio. Muito ao contrário. Exerceu sempre empregos humildes e lutou com grandes dificuldades para manter-se e aos seus. Foi funileiro, porteiro e operador de cinema, letreirista, fotógrafo e desenhista. Aos 17 anos, segundo depoimento de seu filho Rubens, era praticamente analfabeto. Ainda de acordo com a mesma fonte foi o fato de ter recebido uma descompostura por grafar erroneamente o vocábulo “brim” em determinado letreiro que o levou à decisão de alfabetizar-se. Fê-lo praticamente só, valendo-se para tanto dos almanaques farmacêuticos, então em voga, e dos quais destacou ele próprio o “Almanak de Bristol”. De sua saga laboral e da experiência autodidática dá-nos conta em versos:

“De oito anos aos catorze — funileiro
de catorze aos dezoito — copiador
de retratos e, agora, por terceiro,
sou fotógrafo, poeta e sou pintor.”

E em outra passagem:

“Nunca transpus as portas de uma escola,
o pouco que aprendi só a mim devo . . .
Escrevo andando . . . e enche-se-me a cachola
de idéias, cada vez que, andando, escrevo.”

Em 1916, seis anos decorridos de sua vinda para Fortaleza, publica o poeta seu primeiro livro, *Dentro do Passado*. Este foi o primeiro livro. Com certeza não foram os primeiros versos. Sânzio de Azevedo, seu filho, Professor e crítico literário, nos fala na introdução que escreveu para a edição de *Dentro do Passado*, comemorativa dos oitenta anos do poeta, de um soneto jamais publicado e do qual ficara na memória do autor apenas o derradeiro verso: "Dormir, Dormir, Dormir, não acordar mais nunca". Essa sensação de desalento, de frustração, de fuga às vezes, seria uma constante em toda a obra do poeta. Da mesma forma o amor, cantado no primeiro livro, seria tema permanente na obra de Otacílio. Também a Cleonice de *Dentro do Passado* real ou imaginária voltaria em outras produções do poeta. Foi ela a musa revelada dos poemas "Página antiga, À curva do caminho, Visão e Sugestão do luar". *Dentro do Passado* foi saudado com simpatia pela crítica. Comentando-o, Clóvis Monteiro assinala a facilidade com que o poeta se expressa "sem se torturar para produzir obedecendo apenas às vibrações do seu estro". Refere ainda o mencionado crítico o modo como ele canta o amor, "não o amor loucura, mas aquele suavíssimo amor que nasce com uma esperança e morre com uma saudade". Dolor Barreira, no seu copioso estudo sobre Otacílio de Azevedo na *História da Literatura Cearense*, ressalta que o poeta exaltou sempre o amor que tende a se concretizar, chegando a proclamar como verdadeiro amor somente o que nunca se realiza. Disto nos dá clara idéia no soneto "Desejar", onde diz:

"Desejar é melhor do que possuir . . . A posse
é o ponto primordial da morte do desejo."

E continua:

"Feliz o que, no amor, nunca encontrou o ensejo
de materializar este afeto tão doce,
e soube a ânsia abafar com restrições e pejo,
como se um largo culto à castidade fosse . . ."

Data de 1918 o segundo livro de Otacílio de Azevedo, *Alma Ansiosa*. Desta vez foi ainda mais intensa a repercussão da obra do jovem poeta. Para Jáder de Carvalho este é o mais importante trabalho de Otacílio e a raiz de toda sua poesia que iria se projetar nos livros que se seguiram sem que incorresse o autor em repetição monótona ou fastidiosa.

Antônio Sales, intelectual já consagrado, assim se referiu, numa palavra, em carta endereçada ao poeta: “Quem conhece a humildade de sua posição e a imperfeição do seu preparo intelectual, só pode ter uma palavra para comentar seu livro: talento!” Talento foi na verdade com o que a fortuna prodigalizou à Otacílio. Nos dias cinzentos da sua existência modesta a luz da poesia cintilou em refulgências sobre a monotonia descolorida dos ofícios rudes que de início praticou. Está em *Alma Ansiosa* aquele que muitos consideram o maior sonetô de Otacílio. Refiro-me a “Carro-de-Bois”, premiado em terceiro lugar no concurso nacional promovido pela revista *Ilustração Brasileira* em 1951. Ouçamo-lo:

“Rodam, tardas, gemendo, as rodas, arrastando os pesados pranchões de pau-d’arco. Angustiado, ora altivo e roufenho, ora moroso e brando, todo o carro-de-bois é um soluço abafado...

A hora viúva e glacial do crepúsculo, quando o sol desce, o seu canto é tão doce e magoado que ora nos prende à terra, ora nos vai levando na asa de oiro de um sonho a um longinquo passado...

Choram, tristes, à frente, os bois mortos de sono. Há uma vaga tristeza, uma ansiedade em tudo e a paisagem dir-se-ia um pôr de sol, no outono...

Oh! Natureza mãe! Sei quanto sofres, pois vejo, ansioso, rolar todo o teu pranto mudo pelos bons olhos melancólicos dos bois...”

À *Alma Ansiosa* seguem-se outros livros: *Musa risonha* (1920), *Sugestão do Luar* (1921), *Réstia de Sol* (1942), *Redenção* (1944), *Desolação* (1947), *Últimos Poemas* (1958), *A Origem da Lua* (1960) e *Adágios, Meizinhas e Superstições* (1966).

Há, ainda, um livro póstumo de memórias, por título *Fortaleza Descalça*, a ser em breve publicado sob a égide desta Academia.

Os críticos que se têm debruçado sobre a obra de Otacílio são unânimes em afirmar a predominância nela do estilo parnasiano. A preocupação com a forma, a rigidez na composição dos versos e a preferência pelo alexandrino que lhe sai “bem urdido e cantante”, na expressão de Otacílio Colares, classificam o poeta definitivamente como parnasianista. Não o foi porém em toda extensão de sua obra. Escreveu poemas parnasianos puros do quilate de “Salomé”, mas produziu também sonetos simbolistas, de que “Visão” é um bom exemplo. Há até situações, como a anotada por Sânzio de Azevedo em “Ressurreição”, em que o autor se mostra parnasiano na forma e romântico no conteúdo. De Otacílio de Azevedo disse Dolor Barreira ser ele, repetindo as palavras de Amadeu Amaral em relação a outro grande parnasiano que foi Raimundo Correia, “um lírico de forma parnasiana, ou um parnasiano de alma romântica”. É sabido que se no Brasil nunca houve um parnasianismo no puro sentido europeu do termo, como afirma Sânzio de Azevedo em *Literatura Cearense*, menos ainda desenvolveu-se esta escola no Ceará, onde aportou quando o simbolismo já era definitivo. Ao fato alude Sílvio Júlio em carta dirigida a Otacílio de Azevedo logo após o lançamento de *Alma Ansiosa*. Dizia ele em certo trecho: “Agora, com atraso de quase meio século, é que a juventude da terra de Clóvis Beviláqua descobriu o gelado, impassível e avelhantado parnasianismo. Não é preciso ir adiante. O Sr. facilmente vencerá neste meio, porque permite que a sua poesia venha do próprio coração”.

A superposição de correntes literárias no meio intelectual cearense da época e as influências exógenas que agiram

sobre o poeta terão sido fatores determinantes da mescla de estilos em sua poesia. O poeta se vivo, simples como era, talvez pensasse de toda essa especulação crítica o mesmo que Ravel disse de sua música: "Gostaria que minha música não fosse interpretada, mas apenas tocada".

Otacílio de Azevedo escreveu com o coração nas mãos. Fez poesia movido por uma espécie de irresistível impulso interior. Foi poeta por vocação, sempre, e por toda a vida. Tinha a mania da poesia. Mania não no sentido mórbido da palavra, mas na acepção de bênção maior, como está no diálogo *Fedro*, de Platão, estranha força capaz de impelir o homem a grandes realizações espirituais. O estilo é o homem, disse Buffon, e a afirmativa calha muito bem a Otacílio; pois sua obra não foi mais que uma extensão ou prolongamento do autor. O artista pôs no seu canto nada mais que as emoções e experiências de sua difícil existência. É ele quem nos diz no soneto "Meu Verso":

Eu, não. Escrevo somente
o que sofro, o que imagino.
Sonho o Verso — água corrente
sem leito certo ou destino...

Ao meu Verso — água sem curso
cabe, ao menos, o recurso
de refletir a visão

das asas em movimento
que solta de encontro ao vento
o moinho do coração!

Quem quer que estude a obra do poeta ora focalizado há de concordar comigo que o conjunto de sua produção literária pode ser dividido em dois grandes agrupamentos de

poesias, frutos de inspiração de índole diversa. Há os poemas que nasceram do impacto sobre o artista, dos obstáculos e apuros que se lhe antepuseram na vida. Esta é a poesia do ceticismo e do desalento. Nela é cantada a *amargura* (em *Magnus Dolor*: Esta amargura que não tem remédio / esta infinita, incógnita ansiedade), a *desolação* (em “Esforço Inútil”: Quando mergulho os olhos em mim mesmo / E penso nesses dias que não de vir, / é que descubro, alucinado a esmo / toda a inutilidade de existir ...), a *infelicidade* (em “Felicidade”: Há não sei que anos luto e em vão perquiro / os meandros do destino, na ansiedade / de saber o suavíssimo retiro / onde se esconde essa felicidade ...), a *saudade* (em “Rimário”: Esta palavra — Saudade — / que é amor, que é sonho e tristeza / é um soluço de ansiedade / que há na língua portuguesa).

As poesias que compõem o outro conjunto uniforme da obra de Otacílio têm em comum um sentido de evocação e de amor à natureza oriundo certamente da infância transcorrida no interior e de suas peregrinações como fotógrafo itinerante pelos sertões cearenses. A maioria delas está publicada em *Réstia de Sol*, revelando um poeta mais descritivo, objetivo e ligado à natureza. Pertencem a este grupo: “O Sapo” (... E sonha, e sofre, e sente, e silencioso, cisma ... / e na atitude alvar que nos parece iniqua / preso à vida através de um prisma misterioso), “A largatixa” (... Corre em círculos, corre em linha reta, corre / em diagonal e ao fim a libélula alcança / que, embalde, se debate e ninguém a so-corre...), *O Flamboyant* (Alto, aos beijos do sol a ampla copa escarlate...), “Canavial” (Cana! Doce ao começo e, depois só travor, / ante a dor que teu bem num grande mal transforma / tens o mesmo princípio e o mesmo fim do amor!).

Destaque especial merece para mim o soneto “Catavento” pela singularidade do tema e pela maneira elegante e feliz como foi tratado pelo poeta que usou de imagens originais e expressivas. Uma de suas melhores criações, sem dúvida. Vejamos:

“Alto, de frente ao revoltoso oceano,
e exposto à eterna rispidez do vento,
levanta-se ao prestígio soberano
dos músculos de ferro o catavento.

Pulsa-lhe a vida a cada movimento
e parece oxidar-lhe o desengano,
quando se lhe transforma num lamento
todo o seu vão clamor, vezes humano.

Pregado ao solo, numa infinda mágoa,
de mil sonhos, talvez, sobre os escombros,
chora, enchendo de pranto a caixa-d’água...

É que ele, preso à angústia de existir,
sente a revolta de suster, aos ombros,
asas de ferro, e não poder subir!”

Otacílio de Azevedo, inobstante sua já longa militância literária e a pujança de sua obra poética, só em 1969 ingressou na Academia Cearense de Letras para ocupar a vaga surgida por morte de Manuel Antônio de Andrade Furtado. Eram decorridos 53 anos da publicação de seu livro de estreia, com o qual fora admitido no Grêmio Literário Cearense, primeira associação cultural a que pertencera. Tardava o reconhecimento ao poeta e já se ressentia a Academia de sua ausência. Saudou-o por ocasião de sua posse Jáder de Carvalho, tendo proferido oração de análise do autor e seus livros, exaltando-o como grande e excelso vate. É certo que não deixou de lamentar ter o poeta desperdiçado a oportunidade de colorir seus versos com as tintas da ideologia ou da reivindicação social, coerente com sua origem proletária. Isto não diminui o artista nem reduz a grandeza de seu trabalho.

Muito se poderia escrever sobre o acoplamento da arte à política. Há notícias de grandes obras postas a serviço de causas nobres e ideais superiores, mas sabe-se o quanto se rebaixa e avilta a arte feita serva de sistemas políticos e regimes de governo. O único compromisso do artista é com a verdade que lhe sopra o gênio, seja ela agradável ou não aos poderosos. A este princípio foi fiel Otacílio de Azevedo, pois só cantou os sentimentos que brotaram espontâneos e fluentes de sua alma simples e sensível de esteta. Tomar partido, para um artista, pode significar apenas a permuta de sua intranquilidade e incertezas pelo apoio cego e fanático de uma grei.

A 3 de abril deste ano finou-se nesta cidade o poeta Otacílio de Azevedo, deixando descendência honrada e culta e um legado artístico que tornará perene a sua lembrança, apontando aos pósteros o quanto podem associados o trabalho e o esforço, o labor e o sonho.

Sr. Otacílio de Azevedo: se é verdade que os mortos não estão ausentes, mas invisíveis, ouvi-me onde estiverdes, apregoar bem alto que se enganou no vaticínio a cigana do vosso soneto, fostes poeta e alcançastes a glória.

Sr. Acadêmico Milton Dias:

Escutei atentamente as palavras elegantes que pronunciastes à guisa de saudar-me em cumprimento a mandato a vós confiado pelos integrantes desta companhia de homens de letras. Tenho dúvida se teríeis sido o escolhido, soubessem eles que nossa convivência amistosa iria robustecer a indulgência do vosso julgamento. O fio do vosso pensamento, havendo nascido de duas fontes, o cérebro e o coração, fez-se caudaloso no seu desenrolar sem que fosse proporcional a contribuição dos dois mananciais. O coração sobrepujou em muito ao cérebro. O equilíbrio de vossa oratória foi rompido e na conformação das idéias à racionalidade adiantou-se à emoção, daí por que fostes só afeto, amizade e simpatia. Traído por vosso espírito magnânimo e alma fraterna, vistes talento onde há só esforço e catastes gemas onde tudo é ganga. Por isto vos sou grato, imensamente grato.

Senhores:

Alonguei-me mais do que seria cortês de minha parte em grata retribuição à gentileza de vossas presenças. Aconteceu assim porque me julgava no indeclinável dever de proclamar minhas intenções e na incontornável obrigação de estender-me com suficiência sobre temas pertinentes a solenidade deste jaez. Tendo vos maçado com minha prosa desataviada, peço-vos que não me querais mal ou menos bem, posto que em meu favor deve ser dito, que no officio literário trai-se quem escreve na suposição falsa de que aos seus ouvintes interessa tanto a matéria quanto a si próprio.

